

Miranda fez pressão sobre a ECT

■ Contrato de R\$ 43 milhões para a triagem automática de cartas provocou briga entre senador e presidente dos Correios em 1994

LUCIANA NUNES LEAL

Em julho do ano passado, quando o senador Gilberto Miranda (PMDB-AM) ainda não tinha mergulhado no relatório do Sistema de Vigilância da Amazônia, uma outra concorrência pública o preocupava. Chegou a tirá-lo do sério, a ponto de brigar feio com a diretoria da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos. Estava em jogo a compra de equipamentos de triagem automática de cartas, por R\$ 43 milhões. A melhor proposta era da empresa alemã AEG, que venderia máquinas para as superintendências de Brasília, Minas Gerais, Bahia, São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul.

O presidente dos Correios, Antônio Corrêa, porém, desistiu de levar o contrato adiante por não considerá-lo prioridade. Inconformado, Miranda resolveu entrar no circuito para garantir a contratação da AEG. Foi direto à sala da presidência dos Correios. O encontro foi lembrado na última sexta-feira por um alto dirigente dos Correios na época.

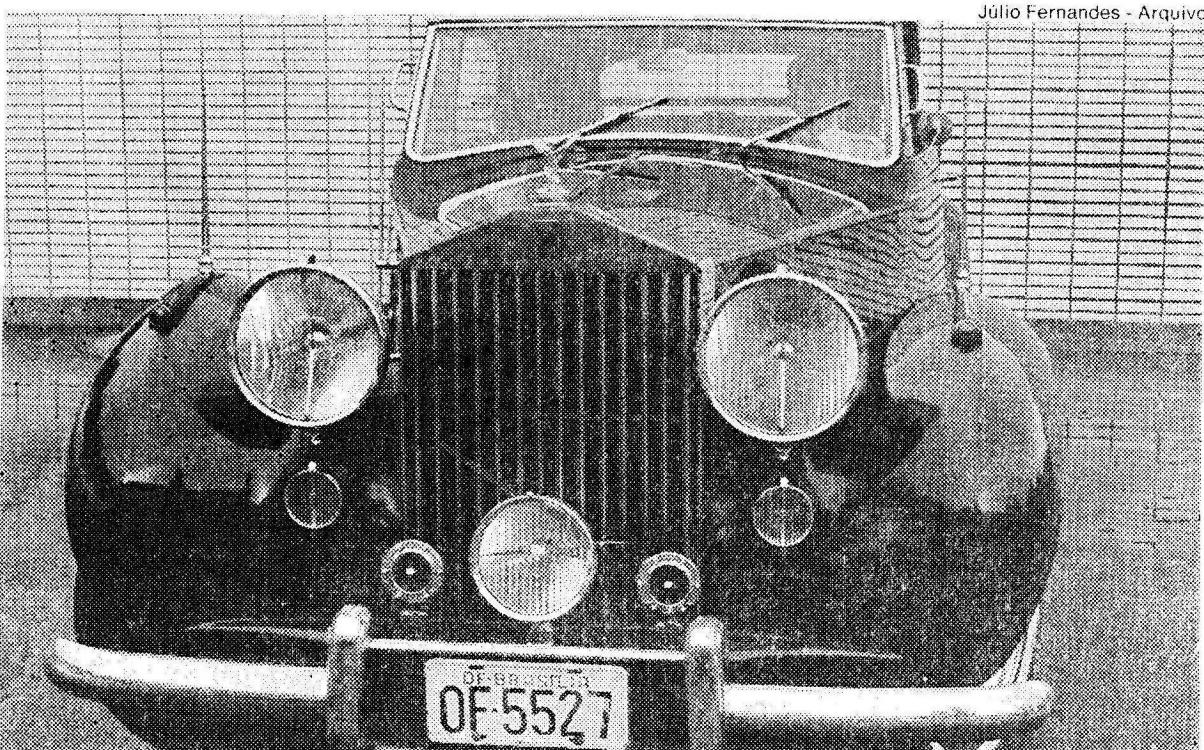
Ânimos exaltados — “É verdade que a AEG foi escolhida na licitação para equipamento de triagem?”, perguntou Miranda a Antônio Corrêa. Diante da resposta positiva, foi adiante: “Temos interesse na consumação desse contrato”. Ouviu o que não queria. “Em reunião com os superintendentes, concluímos que essa não era uma prioridade da empresa”, disse o presidente dos Correios. Miranda informou que tinha ido ao ministro das Comunicações, Djalma Moraes, e ele tinha autorizado a contratação. Corrêa insistiu que não automatizaria a triagem de cartas naquele momento, porque preferia renovar a frota de carros e comprar

Josemar Gonçalves — 21/11/95



O senador Gilberto Miranda, na Comissão de Assuntos Econômicos de Senado, dá parecer contra o Sivam

Júlio Fernandes - Arquivo



Miranda tem um Rolls Royce ano 51, igual ao da Presidência, que arrematou no leilão dos Mayrink Veiga

microcomputadores. Os ânimos começaram a ficar exaltados.

Irritado, Miranda saiu dizendo que ia procurar o ministro porque Corrêa não podia tomar decisões desta importância por conta própria e, segundo o dirigente dos Correios, insinuou que o presidente da ECT não continuaria no cargo. O ex-diretor repete as palavras de Miranda: “Seu cargo é do governo, o senhor vai ter que fazer o contrato”.

Interesse — Antônio Corrêa disse que cancelaria a licitação — era tudo o que Miranda não queria —, mas não era verdade. No fundo, estava decidido simplesmente a não fazer o contrato, sem anular a concorrência. Passados alguns dias, a licitação não tinha sido anulada e muito menos a compra consumada. Miranda telefonou para os Correios, com voz de pouquíssimos amigos. “O senhor mentiu para um senador da República”, bradou para o presidente da empresa. “Eu estranho o interesse de um senador da República em uma contratação que diz respeito aos Correios”, rebateu Antônio Corrêa.

Alguns desafetos depois, os dois desligaram os telefones sem se despedir. A compra do equipamento não foi realizada. Hoje, o senador Gilberto Miranda tenta explicar por que em duas semanas passou de defensor a crítico do projeto do Sivam. Antônio Corrêa, auditor fiscal da Secretaria de Fazenda da Bahia, voltou para a terra natal. Mas quando um e outro se encontram, não dão nem boa noite.

“O Gilberto adora uma confusão. Sempre assume algum lado e parte para a briga. E é horrível brigar com ele”, entrega o empresário Egberto Baptista, irmão do senador e secretário de Desenvolvimen-

mento Regional do governo Collor. Em 1991, os irmãos se juntaram numa campanha contra a ministra Zélia Cardoso de Mello, que acusara Egberto de ter favorecido Gilberto com a liberação de cotas da Zona Franca de Manaus, bloqueadas pela ministra. Zélia caiu. Egberto continuou poderoso e Gilberto, na época ainda suplente de senador, tocava o império empresarial que montou na Zona Franca.

Dono de empresas que fabricam peças e equipamentos para multinacionais poderosas como Xerox, IBM e Olivetti, Gilberto Miranda ganhou a vaga de senador pelo Amazonas mas raramente vai ao estado. “Se ele se candidatar aqui, não é eleito nem síndico de prédio”, diz um de seus maiores desafetos no estado, o vereador Serafim Corrêa, do PSB.

Mansão — Gilberto Miranda chegou a Manaus em 1976, como advogado de um fabricante de máquinas de calcular. Ficou amigo de pessoas influentes da Superintendência da Zona Franca de Manaus (Suframa) e em poucos anos era sócio de pelo menos 20 empresas.

O ex-professor de educação física e hoje político milionário vive entre Brasília e São Paulo, onde ano passado comprou uma mansão de 1.200 metros quadrados por R\$ 4 milhões. Orgulha-se de ser um grande apreciador e condecorado de vinhos e de sua coleção de Rolls Royce — comprou o terceiro no leilão da família Mayrink Veiga, em junho deste ano, por R\$ 130.500. Comemorando a compra, comentou: “O próximo, compro do primeiro famoso que ficar sem dinheiro”. Problema que, aparentemente, não vai atingir o senador tão cedo. Por seus próprios cálculos, suas empresas representam um patrimônio de R\$ 500 milhões.